

DEVER DE CASA: DIZER NÃO À ESCRAVIDÃO

JORNAL O Globo - RJ

04/08/2008

O "gato" é chamado assim porque é cheio de ginga, de conversa mole, se esgueira como um felino à cata de suas presas

Amélia Gonzalez

Nascido na Paraíba, imigrante no Maranhão, município de Açailândia, o pedreiro João Bosco Bezerra de Lucena, 50 anos, estava um dia na varanda de sua casa conversando com uns amigos quando recebeu a visita de um "gato". Aqui precisamos parar a história para explicar o que significa um "gato", gíria usada por trabalhadores desempregados do Norte/Nordeste do país para identificar os homens pagos por fazendeiros infratores para fazerem uma espécie de varredura e arregimentar incautos que se sujeitem a trabalhar sem receber salário. Melhor dizendo: escravos.

O "gato" é chamado assim porque é cheio de ginga, de conversa mole, se esgueira como um felino à cata de suas presas. Promete mundos e fundos ao trabalhador quando, na realidade, está de olho unicamente na mão-de-obra fácil, a quem não vai pagar. Pois bem, retomando a cena, eis que João Bosco, ao ver o "gato", recorda-se de já ter sido "presa" dele. E avisa aos amigos: "Cuidado com esse aí, que ele não paga a ninguém".

Ah, o homem ficou uma fera contou João Bosco.

- E perguntou, olhando assim para os lados: "Quem é esse Paraíba?" Eu respondi: "É um Paraíba que já trabalhou contigo". Ele veio com tudo: "Ô rapaz, veio me sujar?" E eu respondi: "Não, eu estou limpando é a barra dos meus amigos"

Esta entrevista foi dada por e pode, se quiser, se livrar de maus empresários que queiram se aproveitar de sua força de trabalho para ganhar dinheiro fácil. É que o curso, organizado pela SIDERÚRGICA VIENA, visa a alfabetizar, sobretudo, egressos do trabalho escravo para que eles tenham noções de seus direitos e aprendam que podem dizer não.

E aqui começa outra história, telefone, de Açailândia, no dia em que João estava se formando junto com outros 321 adultos, no curso de alfabetização da VIENA EDUCAR. Feliz da vida, João contou que, depois de 8 meses frequentando sala de aula, já sabia "ler um pouco e escrever um bocado". Mas, além disso, ele aprendeu também que tem registro,

carteira, é uma história, parte dela já contada por nós da Razão Social quando o curso foi montado, há oito meses. É que a VIENA foi uma das siderúrgicas punidas pela Vale com o corte do fornecimento de minério, exatamente porque ela mantinha, como um de seus fornecedores, carvoeiros que usavam mão-de-obra escrava. Diferentemente da atitude defensiva que tomaram outras siderúrgicas que entraram na lista negra da VALE, a VIENA decidiu que ia reverter este quadro com louvor. Somos favoráveis a essas cobranças da VALE. Nós realmente tivemos um problema com uma carvoaria, mas este problema só serviu para nos movimentar. Organizamos este curso porque percebemos que a maioria dos trabalhadores escravos aqui da região voltava a se enredar nessa teia pouco tempo depois de resgatados. É porque lhes falta exatamente informação. Eles precisam, minimamente, saber ler e escrever para conhecer seus direitos, disse Simone Valladares, Diretora da VIENA, que agora tem um programa de plantio de eucalipto para fazer seu próprio carvão e se livrar de vez da dependência que tem das carvoarias, eterno foco de problemas

A Viena investiu R\$ 700 mil na criação de infra-estrutura para o curso e, em parceria com a prefeitura, com a ONG ALFASOL e com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), foram convidados professores voluntários. Os próprios mestres precisaram passar por uma fase de capacitação para aprender a ensinar mais do que o alfabeto. A maranhense Isabel Siqueira dos Santos, de 24 anos, nascida e criada em Açailândia, que acaba este ano um curso de licenciatura em matemática pela Internet, ouviu falar do projeto e se candidatou logo.

Ela ministra cerca de duas horas de aula por dia e recebe apenas uma bolsa, valor suficiente para pagar a passagem e se alimentar. Ou seja: não é por dinheiro que Isabel se rendeu a este trabalho. Isabel Siqueira dos Santos conta:

-Tenho certeza de que se nós investirmos nessa questão e procurarmos sempre alertar pessoas, vamos conseguir acabar com o trabalho escravo. Temos vários casos aqui de pessoas que aceitam o convite de trabalho na inocência, pensando em mudar de vida. É triste ver como ficam quando percebem a armadilha que é: geralmente apresentam-lhes umas vendinhas onde são obrigados a fazer as compras. Um sabonete que aqui fora custa R\$ 0,50 lá sai por R\$ 12, e assim vai. O fazendeiro só deixa o empregado sair se a dívida for quitada. Soube de um senhor que fugiu e foi assassinado. Foi ela quem fez o primeiro contato com João Bosco. Como a maioria dos alunos, ele resistiu no início. Foi preciso muita conversa para convencê-lo a estudar:

-Quando ele faltava, a gente ia lá na casa dele, perguntava por que tinha faltado. Fazia isso com todos os 25 alunos da minha turma — disse a professora.

Já Antônia Rodrigues da Silva, de 61 anos, outra formanda, poupou a mestra desse trabalho. Depois que aprendeu a escrever, anda tão orgulhosa que não tem nada que a faça desistir de continuar no curso para aprender a ler melhor.

-Minha mãe não teve culpa de não poder me botar na escola. Quando eu pude, comprei um caderninho de R\$ 0,50, um lápis e fui procurar o curso. Já sei fazer meu nome, comprar em supermercado e já sei o ônibus que tenho que pegar, disse ela. A atitude da VIENA, assim como do **INSTITUTO CARVÃO CIDADÃO** - ONG formada por siderúrgicas da região de Carajás, muda o paradigma porque demonstra uma preocupação com o social muito grande numa região mais acostumada a ser desprezada.

Segundo Patrícia Audi, que era diretora da Organização Internacional do Trabalho na época em que a VIENA organizou o curso, geralmente essas pessoas egressas do trabalho escravo perdem o vínculo com a família, são jogadas à própria sorte:

- Elas têm vergonha de voltar para casa sem dinheiro e de seus amigos saberem que foram vítimas de um golpe. Ficam em pensões até que o próprio fazendeiro manda um "gato" buscá-las com mais promessas - disse ela.